

O ABRAÇO E O CHORO

Não vi a cena ao vivo. Estava bandeirando nas ruas de Venâncio Aires, interior do Rio Grande do Sul, festejando a vitória com militantes, companheiras e companheiros de luta e de jornada. Contaram-me depois. Domingo à noite, vitória suada, mas assegurada, um abraço forte (de urso, como se diz) de Dilma e Lula, e o choro de Lula. Não foi um abraço qualquer, tampouco um choro qualquer. Na história da democracia brasileira, pela primeira vez um partido político – Partido dos Trabalhadores – e uma aliança política permanecem 16 anos no governo, numa sequência de quatro governos.

E não são quaisquer personagens. A história de Lula acabou retratada nestas eleições. Um operário metalúrgico saído do Nordeste por causa da miséria, que depois comandou as maiores greves da história brasileira, cujo projeto recebeu uma consagrada vitória nesta eleição no mesmo Nordeste. Nordeste deixou de ser apenas região de fome, seca, falta de água e miséria, para se afirmar, apesar de todos os preconceitos pós-eleitorais, como região de um povo que busca e faz seus caminhos, vive com dignidade e exerce a cidadania.

E a história de uma mulher, Dilma, presa política, torturada, que sobreviveu, lutou pela democracia, tornando-se presidenta do Brasil pela segunda vez e ineditamente, sob as bênçãos e os votos de brasileiras e brasileiros.

Esta não foi uma eleição qualquer. Foi, em primeiro lugar, uma eleição de disputa de projetos. Foi também, infelizmente, uma eleição de mentiras, como as de um doleiro que teria sido envenenado e morrido, de depoimentos forjados à última hora e jogados à cena pública, em tentativa desesperada de solapar a vontade popular e reverter o resultado eleitoral.

Foi também, felizmente, a eleição do reencantamento, como escreveu Marcus Faustini: “Outra eleição também existiu, especialmente no segundo turno. A eleição do reencantamento. Essa é uma dívida (das boas, de gratidão!) que a presidenta Dilma deveria assumir” (Reencantar, Marcus Faustini, O Globo, 28.10.14).

As bandeiras vermelhas foram às ruas na reta final. Na ida de Lula a Porto Alegre na última semana antes do segundo turno e da presidenta Dilma no sábado anterior à eleição havia um frêmito no ar. Velhos e antigos militantes misturados à juventude, bandeira no ombro, vibrando, cantando, celebrando. “A reeleição da presidenta Dilma trouxe, no acirramento da disputa do segundo turno, uma evidente expressão de descontentamentos, críticas a práticas adotadas, mas também a possibilidade de uma nova conexão com uma militância – além da partidária – espontânea, ampliada, espalhada em redes e ruas (...). Uma situação inimaginável alguns meses atrás” (Marcus Faustini).

O reencantamento tem razão de ser. O grande poeta Pedro Terra escreveu ‘500 anos esta noite’, celebrando a vitória suada e sofrida: “De onde vem esta mulher/ que nos bate à porta 500 anos depois?/ Reconheço este rosto estampado/em pano e bandeiras e lhes digo:/ vem da madrugada que acendemos/ no coração da noite./ De onde vem esta mulher/ que bate às portas do país dos patriarcas/ em nome dos que estavam famintos/ e agora tem pão e trabalho?/ Reconheço este rosto e lhes digo:/ vem dos rios subterrâneos da esperança,/ que fecundaram o trigo e fermentaram o pão./ De onde vem esta mulher que apedrejam,/ mas

não se detém,/ protegida pelas mãos aflitas do povo/ que invadiu os espaços de mando?/
Reconheço este rosto e lhes digo:/ vem do lado esquerdo do peito.”

Sábado, 25 de outubro, final da tarde, fui na Usina do Gasômetro, Porto Alegre: sentei na orla do Guaíba, admirei, em silêncio, o mais lindo pôr-do-sol do mundo. As pessoas passavam com bandeiras, adesivos, namorados estavam sentados na grama e o sol ia desaparecendo, lentamente, sob o céu luminoso, nas águas do rio. Eu, pensando no dia seguinte.

Pensei no que e como seria o fim de tarde do domingo 26. Pulos de alegria, ou tristeza imensa no coração?

Ganhou a alegria. Valeu o abraço de Lula e Dilma. Valeu o choro de Lula. Nas palavras de Marcus Faustini, “Dilma tem uma dívida com as periferias e a juventude que se engajou firme, inventando Dilmas, em sua campanha, mesmo tento um histórico diálogo truncado em seu primeiro governo”.

E nos versos de Pedro Tierra: “As mãos do metalúrgico,/ as mãos da multidão inumerável/ moldaram na doçura do barro/ e no metal oculto dos sonhos/ a vontade e a têmpera/ para disputar o país./ Dilma se aparta da luz/ que esculpiu seu rosto/ ante os olhos da multidão/ para disputar o país/, para governar o país.”

O abraço e o choro fazem parte da história de um operário metalúrgico e de uma mulher ex-presa política. Fazem parte da história de um povo e de uma democracia. Fazem parte de um país e de um continente de esperança.

Selvino Heck

Assessor Especial da Secretaria Geral da Presidência da República

Em trinta e um de outubro de dois mil e catorze